

Resenha

Do verbal ao verbovisual: o trabalho com textos multimodais em sala de aula

RIBEIRO, A. E. **Textos Multimodais: leitura e produção**. São Paulo: Parábola, 2016. 126p.

Cristiane Dall Cortivo Lebler*

O que é texto? O que é multimodalidade? Por que é importante trabalharmos com leitura e produção de textos multimodais nos diversos universos escolares? Aqueles que se interessam por essas temáticas encontrarão importantes reflexões acerca dessas questões na obra *Textos multimodais: leitura e produção*, resultado de uma pesquisa de pós-doutorado realizada pela professora doutora Ana Elisa Ribeiro, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), na cidade de Belo Horizonte. Atuando em diferentes níveis de ensino, desde o médio até a pós-graduação *stricto sensu*, a autora discute com propriedade temas relacionados à leitura e à produção de textos multimodais, trazendo um inspirador relato de pesquisa.

A obra se divide em oito capítulos. O primeiro deles, intitulado *Um caso com jeito de sugestão*, apresenta uma experiência de retextualização realizada com uma turma de primeiro semestre de Engenharia, em um curso de redação ministrado no CEFET-MG. A proposta consistiu em transcrever, de acordo com notações estabelecidas pelo Projeto NURC-RJ (Norma Urbana Culta), um trecho de aproximadamente quinze minutos de uma narração de um locutor de rádio. O objetivo da atividade era transformar o texto narrado em dois blocos de notícias escritas, com vistas a serem publicadas em dois suportes diferentes: um blog e um jornal impresso. O processo foi conduzido com base em reflexões acerca da retextualização (já discutidas por MARCUSCHI, 2010) e da multimodalidade, das diferenças entre texto oral e texto escrito, evidenciando as possibilidades composicionais que cada um dos suportes oferecia, inclusive com a inserção de hiperlinks e de outras semioses. Dessa tarefa, resultaram produções que combinaram linguagem verbal e não verbal e que demonstraram não só o processo de

* Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: cristianede@unisc.br

produção de dois textos escritos a partir de um oral, mas também o processo de compreensão, já que as produções apresentaram hierarquias distintas acerca dos conteúdos veiculados pelo texto oral usado pela pesquisadora.

O segundo capítulo, *Por que entender de infografia*, inicia com a introdução de uma reflexão sobre o conceito de texto, cuja definição tem sido perscrutada por inúmeros pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Para Ribeiro, a falta de consenso entre os linguistas acerca dessa questão deve-se ao fato de que “os textos mudam ao longo da história. Sua composição, seu modo de fazer, as práticas de leitura em que estão envolvidos” (p. 30). A autora chama a atenção para o fato de os textos, no nosso cotidiano, estarem povoados por diferentes linguagens e essa evidência nem sempre ser percebida no ensino de leitura e de escrita, quando se privilegia a linguagem verbal em detrimento de outros sistemas semióticos cujo papel é fundamental na construção do sentido textual. Os infográficos foram escolhidos pela autora por caracterizarem-se como textos multimodais por excelência, já que combinam palavras e imagens em um leiaute que permite, ainda, no caso da *web*, a inserção de som e movimento; além disso, os infográficos são textos de ampla circulação nos meios de comunicação digitais e impressos, ocupando lugar, também, na comunicação televisiva.

Além da infografia, a autora destaca o papel que ocupam em nosso cotidiano os mapas, não mais restritos às aulas de geografia, mas presentes em aplicativos de celulares e em dispositivos eletrônicos, como os aparelhos de GPS, por exemplo. Ribeiro defende, nesse capítulo, que o letramento multissemiótico é uma questão de cidadania, uma vez que o contato com textos multimodais faz parte do nosso universo cotidiano, independente de estarmos ou não inseridos na esfera escolar. Além desse argumento, a autora justifica a necessidade do trabalho com a multimodalidade a partir de dados do PISA 2012, os quais revelaram que os estudantes brasileiros apresentaram um baixo desempenho em leitura, de um modo geral, e resultados ainda piores em se tratando da leitura de diagramas, gráficos e mapas.

Entre os capítulos três e sete, a pesquisadora apresenta e discute a aplicação de um instrumento de pesquisa e os seus respectivos resultados. De acordo com o relato da autora, o contato entre a pesquisadora (e seus bolsistas) com os sujeitos pesquisados aconteceu em dois momentos: primeiramente, Ribeiro lhes propôs a leitura de textos multimodais; em um segundo momento, os alunos foram convidados a produzir textos. No capítulo três, especificamente, a autora descreve como se deu a primeira interação com os sujeitos da pesquisa, organizados de acordo com o método grupo focal. Sete estudantes de ensino médio de uma escola técnica

federal foram selecionados para entrevistas, as quais versaram sobre temas relacionados à leitura e ao manuseio de textos multimodais. As entrevistas, que duraram cerca de uma hora e meia e foram gravadas e transcritas, visavam a realizar um diagnóstico acerca do letramento visual dos estudantes. Os resultados dessa etapa demonstraram que os alunos, apesar de desconhecerem a nomenclatura relativa ao tema, tinham bastante familiaridade com textos que mesclam várias linguagens.

No quarto capítulo, *Produção de textos com aprendizes*, Ribeiro apresenta os textos a partir dos quais os estudantes realizaram produções em linguagem verbal e não verbal. O corpus dividiu-se em dois grupos: um primeiro, composto por sete textos de pequena extensão em linguagem verbal, deveria ser transposto para uma linguagem não verbal; um segundo, composto por dois gráficos e por um infográfico, deveria ser reescrito em linguagem verbal.

No quinto capítulo, *Vamos por partes: leitura*, a pesquisadora apresenta e discute alguns dos resultados relativos ao segundo grupo de textos, que demandaram dos alunos leitura, compreensão e descrição. Nessa atividade, a adequada compreensão dos gráficos e dos infográficos era fundamental para que houvesse, também, uma adequada retextualização. Os resultados apresentados pela autora demonstraram que apenas um dentre os participantes da pesquisa foi capaz de desempenhar a tarefa com propriedade, realizando a adequada descrição – em linguagem verbal – dos textos motivadores. Os demais encontraram soluções distintas: ou realizaram produções verbais, mas com uma leitura inadequada do texto-base, ou realizaram produções na forma de gráficos, inspirados no plano cartesiano, ou tabelas, ambos combinando linguagens verbovisuais.

O sexto capítulo, *Vamos por partes: escrita*, expõe os resultados referentes ao primeiro grupo de textos, aqueles que deveriam ser transpostos da linguagem verbal para a visual. As produções deveriam ilustrar diferentes expressões: movimento (de um carro em viagem que para a fim de abastecer), fluxograma (de um processo de edição de livro), organograma (da hierarquia de funcionários em uma escola), mapa (de um trajeto a ser percorrido), cronologia (das obras da escritora brasileira Clarice Lispector), narrativa (de um assassinato, representado em quadrinhos). Os resultados dessa etapa da pesquisa demonstraram que os estudantes tiveram dificuldades em transpor a linguagem verbal para outras linguagens, ainda que tal atividade não exigisse dos sujeitos talento para o desenho. Os esquemas mais frequentes nas produções foram, mais uma vez, representados pelo tradicional plano cartesiano, que combina o eixo das abcissas e o das ordenadas, numa relação entre duas funções.

O sétimo capítulo, *Uma criança e uma designer profissional*, traz as produções, a partir do mesmo corpus, de dois sujeitos com experiências diferentes em relação à linguagem. Esses dois sujeitos – um estudante das séries iniciais do ensino fundamental e uma *designer* profissional – foram escolhidos com a finalidade de verificar se apresentariam resultados diferentes daqueles obtidos pela aplicação do instrumento aos alunos do ensino médio. As produções – guardadas as devidas diferenças, especialmente pelo fato de a designer operar profissionalmente com composições multimodais – demonstraram que ambos os sujeitos foram capazes de usar recursos verbovisuais nas produções que realizaram. Para a autora,

imagem e palavra são modalidades expressivas, mas são também plenas de possibilidades, em si. A modalização das palavras, que depende de uma seleção em um repertório, cria efeitos diversos. Do mesmo modo, as modulações do desenho alcançaram efeitos diferentes (p. 114-115).

No último capítulo, intitulado *Que mais podemos fazer?*, a autora introduz suas considerações finais, enfatizando que tarefas como as propostas em sua pesquisa podem ser executadas em salas de aula do país inteiro, independente das condições de trabalhos às quais os docentes estão expostos. O texto-base pode vir de qualquer fonte: uma página de revista ou jornal – físicos –, ou de um ambiente virtual, tão comum aos nossos estudantes. Para Ribeiro,

não dá para ficar apenas no oral/escrito. Há muito mais o que se pensar e fazer, com outras semioses e modulações dentro delas. E o mais importante é: criar, planejar, selecionar recursos, que vão do lápis ao computador de último tipo. O que realmente importa é conhecer as linguagens e modos de dizer, sem tirar os olhos dos efeitos de sentido desejados (p. 119).

A obra de Ana Elisa Ribeiro contribui para as discussões sobre retextualização e preenche uma lacuna nos estudos acerca de metodologias de ensino de língua materna. Com uma linguagem simples e precisa, sem perder o rigor teórico e conceitual, a autora traz um tema que não pode mais ser negligenciado nas salas de aula, tanto de ensino básico quanto superior: a importância do trabalho com textos multimodais, seja como objeto de leitura, seja de produção. Nosso cotidiano está cercado de textos compostos por múltiplas semioses, desde as redes sociais, nas quais combinamos imagens – com diferentes modulações visuais – com mensagens verbais, até portais de notícias e blogs, onde áudios e vídeos complementam as mensagens escritas.

Os capítulos referentes à análise dos dados, especialmente aqueles que apresentam as produções realizadas a partir de textos verbais, trazem revelações importantes, na medida em que apontam a falta de habilidade que os nossos estudantes têm em produzir textos em linguagem que não seja a verbal. Um dos argumentos usados pela autora para justificar a importância da leitura e da produção de textos multimodais assenta-se sobre o fato de que alguns conteúdos terão uma expressão muito mais adequada pela combinação de linguagem verbovisual, como é o caso dos mapas, por exemplo: o trajeto para se chegar a determinado ponto é muito mais bem expresso através de uma representação cartográfica que de uma explicação oral ou escrita.

Além disso, imagens, gráficos, infográficos, tabelas e outras semioses cumprem papel fundamental na construção dos sentidos dos textos. Isso pode ser verificado ao abrirmos qualquer site da internet, ao lermos jornais, revistas, histórias em quadrinhos, livros didáticos. Com relação à produção de textos multimodais, Ribeiro enfatiza que tal prática amplia aquilo que Kress (2003), citado pela autora em outro trabalho (RIBEIRO, 2015, p. 114), chama de “poder semiótico”, ou seja, a habilidade em lidar com diferentes tipos de signos, em produzir sentidos e em manejar linguagens. O desenvolvimento do nosso “poder semiótico” amplia o leque de linguagens que dominamos, e, conseqüentemente, o nosso poder de expressão.

Por todos esses motivos, *Textos multimodais: leitura e produção* é leitura obrigatória para professores que trabalham com disciplinas que envolvam leitura e produção de textos, independentemente do nível de ensino em que atuam. Estudantes dos cursos de Letras e Comunicação Social, por terem como objeto de estudo e de trabalho as linguagens, também terão muito a ganhar com o estudo dessa obra.

Referências Bibliográficas

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, A. E. Tecnologia e poder semiótico: escrever, hoje. **Texto livre: linguagem e tecnologia**, v. 8, n.1, p. 112-123, 2015.

Resenha recebida em: 30.08.2016

Resenha aprovada em: 24.10.2016